



#### Resumo Teórico

### Período Socrático ou Antropológico (final do século V e todo século IV a.C., em Atenas)

Com o desenvolvimento das cidades, do comércio, do artesanato e das artes militares, Atenas tornou-se o centro da vida social, política e cultural da Grécia, vivendo seu período de esplendor, conhecido como o Século de Péricles.

É a época de maior florescimento da democracia. A democracia grega possuía, entre outras, duas características de grande importância para o futuro da filosofia. Em primeiro lugar, a democracia afirmava a igualdade de todos os homens adultos perante as leis e o direito de todos de participar diretamente do governo da cidade, da pólis. Em segundo lugar, e como consequência, a democracia, sendo direta e não por eleição de representantes, garantia a todos a participação no governo, e os que dele participavam tinham o direito de exprimir, discutir e defender em público suas opiniões sobre as decisões que a cidade deveria tomar. Surgia, assim, a figura política do cidadão<sup>1</sup>.

Ora, para conseguir que a sua opinião fosse aceita nas assembleias, o cidadão precisava saber falar e ser capaz de persuadir. Com isso, uma mudança profunda vai ocorrer na educação grega. Quando não havia democracia, mas dominavam as famílias aristocráticas, senhoras das terras, o poder lhes pertencia. Essas famílias, valendo-se dos dois grandes poetas gregos, Homero e Hesíodo, criaram um padrão de educação, próprio dos aristocratas. Esse padrão afirmava que o homem ideal ou perfeito era o guerreiro belo<sup>2</sup> e bom<sup>3</sup>. A virtude era a *aretê* (excelência e superioridade), própria dos melhores, os *aristoi*.

Quando, porém, a democracia se instala e o poder vai sendo retirado dos aristocratas, esse ideal educativo ou pedagógico também vai sendo substituído por outro. O ideal da educação do Século de Péricles é a formação do cidadão. A *aretê* é a virtude cívica. Ora, qual é o momento em que o cidadão mais aparece e mais exerce sua cidadania? Quando opina, discute, delibera e vota nas assembleias. Assim, a nova educação estabelece como padrão ideal a formação do bom orador, isto é, aquele que saiba falar em público e persuadir os outros na política.

1. Devemos observar que estavam excluídos da cidadania o que os gregos chamavam de dependentes: mulheres, escravos, crianças e velhos. Também estavam excluídos os estrangeiros.

2. Belo: seu corpo era formado pela ginástica, pela dança e pelos jogos de guerra, imitando os heróis da Guerra de Troia (Aquiles, Heitor, Ajax, Ulisses).

3. Bom: seu espírito era formado escutando Homero e Hesíodo, aprendendo as virtudes admiradas pelos deuses e praticadas pelos heróis, a principal delas sendo a coragem diante da morte, na guerra.

A filosofia passa a investigar as questões humanas, deixando de se preocupar apenas com as questões da natureza e suas transformações. Esse período é marcado pela presença de Sócrates (470-399 a.C.), cujo pensamento rompe com a temática central da realidade natural dos filósofos anteriores e passa a investigar as questões éticas e políticas.

É a época da democracia em Atenas, em que o cidadão começa a exercer a cidadania, precisa opinar, discutir, falar, persuadir nas assembleias. Surgem os chamados sofistas, que foram contemporâneos de Sócrates e compartilharam assim da mesma realidade histórica e, apesar das visões diferentes, tiveram o mesmo interesse pela problemática ético-política.

O pensamento de Sócrates e dos sofistas deve ser entendido dentro do contexto histórico e sociopolítico de sua época, pois tem um compromisso bastante direto e explícito com essa realidade. A sociedade grega está estabilizada, com a consolidação de várias cidades-Estados. Há o enriquecimento por meio do comércio; surge uma classe mercantil politicamente influente. Começam a se introduzir as primeiras regras democráticas; há quebra do poder das oligarquias, quebra da autoridade divina; é o fim das imposições autoritárias. Coexistem diferentes interesses, e as decisões são tomadas em assembleias. É preciso saber falar bem, persuadir, convencer, argumentar e justificar as diferentes propostas. É o momento de passagem da tirania para a democracia.

- Os sofistas fizeram do ato de pensar uma profissão remunerada. Seu ceticismo em gnosiologia<sup>4</sup> levou-os a uma moral oportunista. Se é impossível conhecer o mundo real, o que importa são as aparências, por conseguinte, o êxito na vida e a influência sobre os outros. Daí o valor que concederam à retórica e à oratória. A célebre máxima “o homem é a medida de todas as coisas” constitui um resumo do relativismo filosófico dos sofistas.

Os sofistas ensinavam a arte da oratória, a arte da persuasão. Ensinavam um modo de defender uma opinião por meio de argumentos. Eram mestres na arte da argumentação. Sofista significa sábio, entretanto ganhou o sentido de impostor. Eles eram professores que vendiam ensinamentos práticos da filosofia. Os mais conhecidos sofistas foram Protágoras e Górgias.

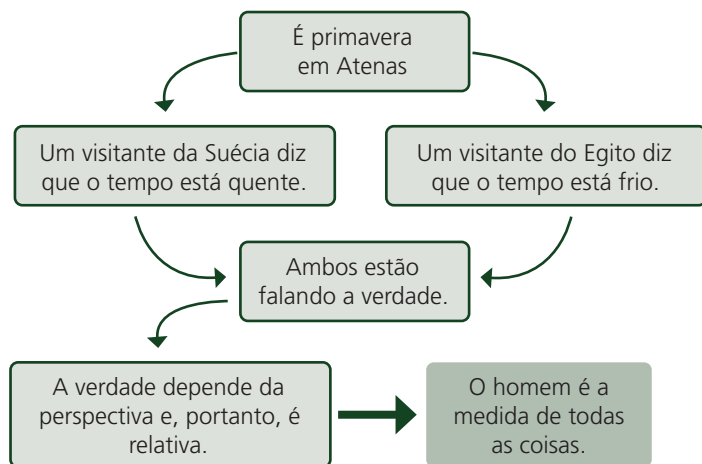
Os sofistas foram criticados principalmente por Platão, que considerava-os artistas manipuladores de raciocínios.

Os sofistas contribuíram para desenvolvimento da linguagem na tradição cultural grega.

- Protágoras (490-420 a.C.): Protágoras ensinava legislação e retórica para qualquer um que pudesse pagar. Seus ensinamentos eram objetivos – preparavam alguém para debater e ganhar uma causa, em vez de provar um ponto de vista –, mas ele conseguia ver as implicações filosóficas do que ensinava. Para Protágoras, todo argumento tem dois lados e ambos podem ser válidos. Protágoras afirma que “o homem é a medida de todas as coisas”;

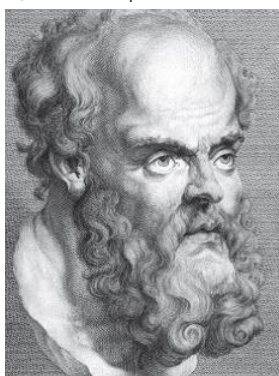
4. Teoria geral do conhecimento humano (fontes, formas e valor), voltada para uma reflexão em torno da origem, natureza e limites do ato cognitivo.

as coisas são como nos parecem ser, como se mostram à nossa percepção sensorial, e não temos nenhum outro critério para decidir essa questão. O que é verdadeiro para uma pessoa pode ser falso para outra. Esse relativismo também se aplicava a valores morais, tais como o certo e o errado. Algo é ético ou certo apenas porque uma pessoa (ou sociedade) o julga assim. Com sua ênfase na importância da subjetividade para a forma como entendemos o universo, Protágoras iniciou o afastamento em relação à filosofia natural, na direção do interesse pelos valores humanos. Foi em resposta a sofistas como ele que Platão começou sua busca pelo transcendente, por verdades eternas que fundamentassem a experiência humana.



Nesse contexto, surge então Sócrates, considerado o patrono da filosofia. Ele discordava dos antigos poetas (mitologia), dos antigos filósofos (cosmologia) e dos sofistas (oradores).

- Sócrates (469-399 a.C.): Natural de Atenas, Sócrates é considerado um marco divisor da história da Filosofia grega. Seu pensamento marca o nascimento da Filosofia Clássica, que foi posteriormente desenvolvida por Platão e Aristóteles. As divergências inerentes à democracia da época levaram Sócrates a refletir em seu interior. Refletindo sobre si mesmo, Sócrates descobriu que, apesar da variedade de coisas, somos capazes de criar conceitos universais.



Ele pensou que poderíamos criar um conceito universal de justiça que, por ser igual para todos, seria capaz de dissolver as divergências e discórdias nas assembleias de cidadãos. As praças públicas eram suas salas de aula.

Sócrates entende sua missão como “libertar” os homens da ignorância. Sobre esta “missão”, ela teria tido início praticamente depois da visita de um amigo seu, Querofonte, ao oráculo de Delfos. Este, querendo saber se havia homem mais sábio do que Sócrates, obtém uma resposta negativa dos deuses, ou seja, Sócrates é o mais sábio. Recebendo o relato do amigo, e não se considerando sábio, Sócrates fica pensativo e resolve descobrir por que é considerado sábio.

Intrigado, aborda um político considerado sábio e, na discussão descobre que este na realidade se considera sábio, sem saber de nada. Entende então que ele – Sócrates – é mais sábio por saber que nada sabe, ou seja, tem consciência de sua ignorância. Lembrando-se da inscrição na entrada do Templo de Delfos, o “conhece-te a ti mesmo”, e afirmando que “de tudo quanto sabe só sabe que nada sabe”, Sócrates entende que o conhecimento está dentro do homem e que este o desconhece por não buscá-lo. Para encontrá-lo, ele entende que é necessário produzir-se um “parto”, um “parto de ideias.”

Neste sentido Sócrates cria um método que, em homenagem a sua mãe, que era maieuta – parteira, em grego –, chama-se maiêutico. “Parir ideias” é a proposta para o “conhecer-se a si mesmo”, encontrar a essência dos conceitos e compreender do que se está falando. É deixar o mundo da opinião e alcançar a ciência.

Buscou conhecer a si próprio e ajudava as pessoas a encontrar a verdade das coisas e conceitos por meio do diálogo. Em um primeiro momento ele interrogava (processo chamado ironia, em grego significa interrogar). Depois ele conduzia o “aluno” a buscar em seu interior os conceitos verdadeiros, a maiêutica.

Sócrates valorizava o debate e o ensinamento oral, sem nunca haver escrito nada. É Platão quem registra seus ensinamentos. Não existe o registro do pensamento original de Sócrates e sim a visão de Platão. Ele buscava a definição essencial de coragem, virtude etc.; é ir além da opinião que se tem a respeito de algo.

Ele não respondia às perguntas e sim procurava ensinar um caminho, que é origem de método. Por isso ele sempre usava o diálogo, pois acreditava que pelo diálogo a pessoa começa a revisar as crenças, opiniões, transformando à sua maneira de ver as coisas.

Sócrates desenvolveu o saber filosófico em praças, conversando e mostrando que era preciso unir a vida concreta ao pensamento. Para ele, o homem é sua alma, a alma é o desejo da razão, e isso distingue o ser humano de todos os outros seres da natureza. Ele dialogava com ricos e pobres, cidadãos ou escravos e dava importância às características internas de cada pessoa. Assim, foi considerado uma ameaça à sociedade, pois não fazia distinção de classe ou posição social. Ele estava interessado na prática da virtude e na busca da verdade, e contrariava os valores dogmáticos da sociedade ateniense.

Era considerado um grande sábio e contrariou os interesses de muitos poderosos. Sócrates, em 399 a.C., é acusado de graves crimes por desrespeito às tradições religiosas e por corrupção da juventude, mas na verdade queriam puni-lo por suas críticas à democracia grega. Em seu julgamento, Sócrates não se desviou de sua postura intelectual objetiva. Foi-lhe dada a opção de pagar uma multa em vez de encerrar a sentença de morte, mas ele recusou a proposta; depois, ofereceram-lhe a chance de escapar da prisão por meio de suborno, o que ele não aceitou. Seu raciocínio era o seguinte: independentemente das consequências, os cidadãos deveriam sempre obedecer às leis do estado. No final, porém, Sócrates pagou um alto preço por seu modo de filosofar. Recusou-se a se retratar e não se arrependeu, sendo considerado culpado e condenado a cometer suicídio, o que fez ao se envenenar bebendo cicuta.

As autoridades conseguiram se vingar, mas as realizações do filósofo sobreviveram a ele próprio e a elas. Suas principais crenças – que ninguém que preserve a integridade pessoal pode cometer algum mal a longo prazo e que ninguém age errado conscientemente – permanecem como balizas éticas que conservam sua importância até hoje, assim como o método socrático por ele concebido.

- Platão (427-347 a.C.): Platão viveu em uma época em que a liberdade política deu à Grécia, e particularmente a Atenas, excepcionais condições de desenvolvimento econômico e cultural. Nessa cidade-Estado (pólis), firma-se o regime democrático, embora perdurasse tensões e lutas entre facções políticas: democráticas, oligarcas e aristocratas.

De família tradicional e aristocrata, Platão descendia do grande legislador Sólon, um dos “30 tiranos” que assumiram o poder, por algum tempo, em Atenas. Desse modo, conhecia bem os bastidores da cena política, e era natural que dela pretendesse participar. Platão interessou-se ainda jovem pela filosofia e por este motivo podemos afirmar que o grande acontecimento da mocidade de Platão foi encontrar Sócrates, o conversador insaciável. Aquele que perguntava de maneira implacável e incessante, por afirmar saber apenas que nada sabia. Platão via Sócrates realizar o trabalho de ajudar as pessoas a se libertarem de opiniões sem fundamento e a reconhecerem que pensavam que pensavam. Via também Sócrates auxiliar aqueles que se dispunham ao esforço de conhecer, após admitirem a própria ignorância: esforço para darem à luz opiniões mais sólidas e fundamentais.

Após conhecer Sócrates, Platão reformula o seu projeto juvenil de participação política ao compreender que antes de atuar politicamente é necessário ter consciência da finalidade da ação. Para agir com retidão e justiça, é preciso, antes, saber o que é a justiça; saber o que é essa medida padrão, essa justa medida capaz de medir as ações morais ou políticas, individuais ou coletivas, e revelar se elas são realmente justas. Fazer política pressupõe, assim, conhecimento e preparação. A política correta não pode ser feita sem uma ciência, uma ética ou uma pedagogia.

Com a condenação de Sócrates à morte, Platão aprende outra lição, dessa vez muito dolorosa: a sua cidade, Atenas, apesar de democrática, estava longe de ser uma cidade ideal, já que nela, um justo como Sócrates não pôde continuar vivendo e foi por ela assassinado. Fazer política torna-se, assim, para Platão, projetar e tentar construir essa cidade ideal, digna de seu mestre Sócrates. E a filosofia passa a ser, justamente a procura dos fundamentos teóricos desse projeto político.

Após a morte de Sócrates, Platão viaja. Vai ao Norte da África (Egito, Cirene), à Magna Grécia, (Sul da Itália). Nessas viagens, ligase a matemáticos e políticos pitagóricos, que viam na matemática o caminho de ordenação da alma e da sociedade.

## A Academia de Platão

De volta de sua primeira viagem, Platão funda em, aproximadamente, 387 a.C., a Academia. É a primeira instituição permanente de pesquisa e ensino superior do Ocidente, primeiro modelo de universidade. O objetivo da Academia platônica não era apenas realizar investigações científicas e filosóficas; pretendia ser também um centro de preparação para uma atuação política baseada na busca pela verdade e pela justiça.

A filosofia de Platão desenvolveu-se a partir dos ensinamentos de seu mestre Sócrates, por meio dos diálogos socráticos. Ainda nesse período, Platão, principal discípulo de Sócrates por dez anos, escreveu sobre os ensinamentos dele mesmo e de Sócrates.

## O mundo sensível

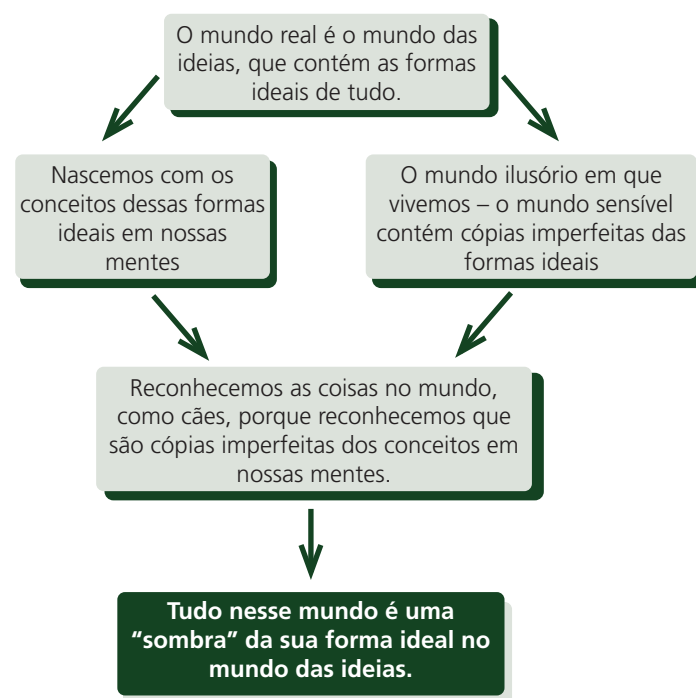
Para Platão, não existe a possibilidade de se alcançar um conhecimento seguro e estável levando-se em consideração o mundo das sensações, pois essas fornecem evidências momentâneas e passageiras. Conclui-se daí que, para fugir do relativismo de Protágoras, o homem deve também fugir desse mundo criado a partir dos sentidos.

## O mundo das ideias

Em oposição a um mundo sensível, como acabamos de ver, Platão, ao utilizar o método dos geômetras, propõe que se afirme hipoteticamente a existência de “formas”, “essências” ou “ideias”, que seriam os modelos eternos das coisas que percebemos por meio dos nossos sentidos. Essas essências seriam incorpóreas e imutáveis,

existindo em si mesmas. Embora sejam chamadas de “ideias” por Platão, elas não estão na mente humana como conceitos ou representações mentais, e muito menos são produtos dela. Elas existem em si. Isso quer dizer que não estão nos objetos (de que são modelos) e nem nos sujeitos (que conhecem esses objetos). Não podemos apreender essas “ideias” com os nossos sentidos, pois elas são independentes da matéria, do tempo e do espaço. No entanto, essas ideias são inteligíveis, em outras palavras, podemos concebê-las com o nosso intelecto.

Em síntese, para Platão, existia um mundo sensível – da aparência, das opiniões, da ilusão, imperfeito, incompleto – e o mundo das ideias – eterno, essencial, belo, pleno, perfeito. Para se alcançar o mundo das ideias, é preciso o conhecimento racional e filosófico. Ele explica este pensamento por meio da alegoria Mito da Caverna.



## Alegoria (ou Mito) da Caverna (do livro *República*)

Platão descreve uma caverna no interior da qual seres humanos viviam acorrentados no pescoço e nos pés, de modo que não pudessem olhar para trás e vivessem vendo apenas as sombras projetadas pela pouca luz que chega da entrada e também de uma fogueira acesa no interior da prisão/caverna. Existe atrás dos prisioneiros uma mureta, ao lado da qual há um caminho por onde passam pessoas (marionetes, fantoches) carregando vasos, estatuetas e pequenos animais. A sombra desses animais e objetos, quando projetadas na parede da caverna, permitem uma visão sombria, bruxuleante das imagens, que são reflexos daquilo que passa pela luz. Como jamais viram outras coisas a não ser as sombras, esses prisioneiros acreditam serem elas verdadeiras, quando não passam de ilusões causadas pela prisão do corpo e pelo hábito de tomar por verdadeiro aquilo que não passa de uma aparência criada por esse “teatro de sombras”.

Imagine que algum desses prisioneiros consiga se libertar: primeiro percebe o muro, em seguida sente dificuldade em ver – pois como todo aquele que passa muito tempo nas sombras, ele tem dificuldade em ver, pois a luz lhe ofusca a visão –; então lentamente começa a perceber que aquilo tudo que via era ilusão, que as pessoas caminhando ao lado do muro eram os fantoches manipulados por terceiros, que ele próprio fora um prisioneiro das sombras.



Então vai em direção à luz, mas não pode contemplá-la; ainda não está preparado. Deve primeiro observar a luz dos astros noturnos, não em seu esplendor do céu, mas sim em suas imagens refletidas na lâmina dos lagos, então poderá ver diretamente as estrelas, a Lua e, só por fim estará pronto, poderá contemplar o céu diurno e até o entardecer belo e sereno de um soberano Sol poente. Terás enfim se tornado filósofo? Quase, pois ainda é preciso retornar à escuridão da caverna e buscar libertar os outros que ainda ficaram aprisionados. Muitos destes vão preferir os grilhões, outros não aceitarão sequer ouvi-lo, tão mergulhados em suas próprias sombras, outros ainda lhe rotularão como um louco, e, por fim, é possível até que eles te apaguem, te matem. Dessa forma, como afirmou Jostein Gaarder, em seu livro *O Mundo de Sofia*, o que Platão nos mostra é uma "imagem da coragem e da responsabilidade pedagógica do filósofo".

### A Caverna Moderna



A Alegoria da Caverna nos mostra o caminho que o espírito deve percorrer das trevas para a luz; apresenta de um modo figurado o processo pelo qual um ser torna-se filósofo; mostra como a libertação pode se efetivar, partindo do mundo sensível em que vivemos, para retornar ao mundo inteligível que nós esquecemos. A caverna é o nosso mundo; as algemas são todos aqueles que lutam pelo obscurantismo; o muro representa nossos próprios preconceitos que também ajudam a manter-nos cativos; as marionetes são os sem ideias próprias, manipulados e fanáticos de toda espécie; a fogueira representa a luz natural da razão; as estrelas e a Lua são nossos desejos; e o Sol representa a luz da verdade do Bem, do Belo e do Justo. O que o Sol é, no mundo exterior dos sentidos, o Bem o é no mundo interior da alma, com a diferença de que a ideia do Bem é interior ao sujeito da filosofia; é uma espécie de filtro que permite a *aletheia* (palavra de luz, imortalidade, verdade). O Sol corresponde ao Bem, pois o Bem é a fonte de todas as essências da alma, e é a partir desse foco de luz interior que o conhecimento poderá ser desvelado.

### Em resumo, as características do Período Socrático são:

- A filosofia se volta para as questões humanas: ações, comportamento, crença, valor, o lugar do homem no mundo.
- O homem como ser racional capaz de conhecer-se a si mesmo, capaz de refletir e estabelecer procedimentos que o levem à verdade.
- Definição das virtudes morais e virtudes políticas. As ideias e práticas que norteiam o comportamento dos seres humanos.
- Encontrar a essência dessas virtudes e valores: justiça, coragem, amizade, piedade, amor.
- A opinião, as percepções e as imagens sensoriais são consideradas falsas, mentirosas, contraditórias para se conseguir a verdade.

### Período sistemático (do final do século IV ao final do século III a.C.)

Após Sócrates e Platão, vemos aparecer Aristóteles (384-322 a.C.) no cenário filosófico e, com ele, o Período Sistemático. Dizemos que sistemático é o que se caracteriza pela organização e articulação, formando um todo coerente. A obra de Aristóteles é sistemática.

Assim, em seu livro *Orgânon*, palavra grega que quer dizer "instrumento", Aristóteles fala sobre a lógica e como ela deve ser uma ferramenta para a filosofia. A lógica fornece a possibilidade de tornar qualquer discurso mais claro e preciso, de modo a se evitar erros de interpretação, como os famosos "mal-entendidos". O discurso pode ser dividido em forma e conteúdo. As formas podem ser palavras como "cadeira", "mesa" etc., que também podem ser chamadas de sinais; o conteúdo, geralmente, é aquilo que queremos significar com estas palavras ou sinais "um objeto utilizado para se descansar", "um objeto utilizado para se repousar, o prato de comida na hora da refeição".

Tanto mais claro e preciso será o discurso quanto melhor se souber associar determinados conteúdos a determinados sinais, encaixar os conteúdos nas formas. Neste sentido, quanto melhor se souber fazer isto, tanto mais próximo da expressão máxima da verdade se estará. Vê-se que Aristóteles não concorda com a definição de verdade de Sócrates e Platão, como uma ideia que está fora do mundo físico. Para ele, estaremos diante da verdade quanto melhor pudermos traduzir o mundo físico por meio de nossas descrições.

Deste modo, ele se empenha, em sua filosofia natural, em descrever os diversos organismos vivos com que se depara, estabelecendo suas semelhanças e diferenças, classificando-os segundo a sua espécie. A essência de um ser, para Aristóteles, é aquilo que o faz pertencer a determinada espécie, a determinada categoria.

Aristóteles também se viu impelido a falar um pouco sobre aquilo que fazia com que cada coisa ocupasse uma posição na natureza e, segundo esta posição, executasse determinado movimento. Ele se viu impelido a falar sobre as causas de as coisas serem como são em suas obras sobre a metafísica, sobre a ética e a estética. Na verdade, o problema central em cada uma era explicar o movimento que parecia existir em tudo e, ainda, salvar a verdade como algo que não é uma metamorfose constante.

O movimento, qualquer que ele seja (uma decisão, um pensamento, o envelhecimento, o nascimento, um assassinato, uma pedra rolando ladeira abaixo, um beijo etc.), qualquer ação, é a efetivação de algo que já existia em potência.

A conclusão que se pode chegar é que a existência, em sua totalidade, já está dada, mas apenas parte de suas disposições se efetivou. O movimento de tudo que existe é esta constante efetivação da existência.

Aristóteles nasceu em 384 a.C., em Estagira, na Macedônia. Era filho de Nicômaco, médico do rei da Macedônia. Ainda muito jovem foi para Atenas, onde foi para a Academia de Platão, tornando-se seu discípulo. Estudou quase 20 anos na Academia, tornou-se professor, e, mais tarde, foi professor de Alexandre da Macedônia. Com a morte de Platão, deixou a Academia e saiu de Atenas.



Mais tarde ele voltou para Atenas e fundou sua própria escola, o Liceu. O pensamento aristotélico desenvolveu-se a partir de uma crítica tanto aos pré-socráticos quanto a Platão. Sua principal obra filosófica, *Metafísica*, busca elaborar uma concepção filosófica original. Aristóteles redefine a filosofia e apresenta a construção de um grande sistema de saber, muito influente no desenvolvimento da ciência antiga.

Aristóteles critica o dualismo representado na teoria das ideias de Platão e vai apresentar sua concepção de real, evitando o dualismo dos dois mundos – sensível e inteligível –, e desenvolve uma concepção de realidade substancial.

Aristóteles rompe com os ensinamentos de seu mestre Platão e desenvolve uma concepção sistemática de saber. Para Aristóteles, é possível explicar tudo em uma única realidade, por meio da Teoria das Quatro Causas, criada a partir de quatro perguntas lógicas. Todas as coisas teriam uma causa material (De que é feita a matéria?), uma causa formal (Do que se trata a forma da coisa? ou que é a coisa em si?), uma causa eficiente (O que levou a matéria a tomar a forma? ou O que levou a coisa a existir como a coisa que é?) e uma causa final (Qual a finalidade da coisa?).



05. (Enem/2012) Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C. - 346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.  
B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.  
C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.  
D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.  
E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

06. (Unicamp/2013)

A sabedoria de Sócrates, filósofo ateniense que viveu no século V a.C., encontra o seu ponto de partida na afirmação “sei que nada sei”, registrada na obra *Apologia de Sócrates*. A frase foi uma resposta aos que afirmavam que ele era o mais sábio dos homens. Após interrogar artesãos, políticos e poetas, Sócrates chegou à conclusão de que ele se diferenciava dos demais por reconhecer a sua própria ignorância.

O “sei que nada sei” é um ponto de partida para a filosofia, pois

- A) aquele que se reconhece como ignorante torna-se mais sábio por querer adquirir conhecimentos.  
B) é um exercício de humildade diante da cultura dos sábios do passado, uma vez que a função da filosofia era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos.  
C) a dúvida é uma condição para o aprendizado, e a filosofia é o saber que estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos.  
D) é uma forma de declarar ignorância e permanecer distante dos problemas concretos, preocupando-se apenas com causas abstratas.

07. (Enem/2013)

A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Cia. das Letras. 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como

- A) busca por bens materiais e títulos de nobreza.  
B) plenitude espiritual e ascese pessoal.  
C) finalidade das ações e condutas humanas.  
D) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.  
E) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

08. (Enem/2014)



SANZIO, Rafael. Detalhe do afresco *A Escola de Atenas*, 1511.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a

- A) suspensão do juízo como reveladora da verdade.  
B) realidade inteligível por meio do método dialético.  
C) salvação da condição mortal pelo poder de Deus.  
D) essência das coisas sensíveis no intelecto divino.  
E) ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

09. (Enem/2015)

Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo *A República*, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

- A) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.  
B) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.  
C) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.  
D) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.  
E) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

10. (Enem/2016)

Ninguém delibera sobre coisas que não podem ser de outro modo, nem sobre as que lhe é impossível fazer. Por conseguinte, como o conhecimento científico envolve demonstração, mas não há demonstração de coisas cujos primeiros princípios são variáveis (pois todas elas poderiam ser diferentemente), e como é impossível deliberar sobre coisas que são por necessidade, a sabedoria prática não pode ser ciência, nem arte: nem ciência, porque aquilo que se pode fazer é capaz de ser diferentemente, nem arte, porque o agir e o produzir são duas espécies diferentes de coisa. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.



Aristóteles considera a ética como pertencente ao campo do saber prático. Nesse sentido, ela difere-se dos outros saberes porque é caracterizada como

- A) conduta definida pela capacidade racional de escolha.
- B) capacidade de escolher de acordo com padrões científicos.
- C) conhecimento das coisas importantes para a vida do homem.
- D) técnica que tem como resultado a produção de boas ações.
- E) política estabelecida de acordo com padrões democráticos de deliberação.

**11. (Enem/2009)**

Segundo Aristóteles, “na cidade com o melhor conjunto de normas e naquela dotada de homens absolutamente justos, os cidadãos não devem viver uma vida de trabalho trivial ou de negócios - esses tipos de vida são desprezíveis e incompatíveis com as qualidades morais -, tampouco devem ser agricultores os aspirantes à cidadania, pois o lazer é indispensável ao desenvolvimento das qualidades morais e à prática das atividades políticas”.

VAN ACKER, T. Grécia. *A vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual, 1994.

O trecho, retirado da obra *Política*, de Aristóteles, permite compreender que a cidadania:

- A) possui uma dimensão histórica que deve ser criticada, pois é condenável que os políticos de qualquer época fiquem entregues à ociosidade, enquanto o resto dos cidadãos tem de trabalhar.
- B) era entendida como uma dignidade própria dos grupos sociais superiores, fruto de uma concepção política profundamente hierarquizada da sociedade.
- C) estava vinculada, na Grécia Antiga, a uma percepção política democrática, que levava todos os habitantes da pólis a participarem da vida cívica
- D) tinha profundas conexões com a justiça, razão pela qual o tempo livre dos cidadãos deveria ser dedicado às atividades vinculadas aos tribunais.
- E) vivida pelos atenienses era, de fato, restrita àqueles que se dedicavam à política e que tinham tempo para resolver os problemas da cidade.

**12. (UEL/2015) Leia o texto a seguir:**

É pois manifesto que a ciência a adquirir é a das causas primeiras (pois dizemos que conhecemos cada coisa somente quando julgamos conhecer a sua primeira causa); ora, causa diz-se em quatro sentidos: no primeiro, entendemos por causa a substância e a essência (o “porquê” reconduz-se pois à noção última, e o primeiro “porquê” é causa e princípio); a segunda causa é a matéria e o sujeito; a terceira é a de onde vem o início do movimento; a quarta causa, que se opõe à precedente, é o “fim para que” e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda a geração e movimento).

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. De Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984. p.16. (Coleção Os Pensadores.) Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que indica, corretamente, a ordem em que Aristóteles apresentou as causas primeiras.

- A) Causa final, causa eficiente, causa material e causa formal.
- B) Causa formal, causa material, causa final e causa eficiente.
- C) Causa formal, causa material, causa eficiente e causa final.
- D) Causa material, causa formal, causa eficiente e causa final.
- E) Causa material, causa formal, causa final e causa eficiente.

**13. (UEA/2014)**

A sabedoria do amo consiste no emprego que ele faz dos seus escravos; ele é senhor, não tanto porque possui escravos, mas porque deles se serve. Esta sabedoria do amo nada tem, aliás, de muito grande ou de muito elevado; ela se reduz a saber mandar o que o escravo deve saber fazer. Também todos que a ela se podem furtar deixam os seus cuidados a um mordomo, e vão se entregar à política ou à filosofia.

ARISTÓTELES. *A política*, s/d. Adaptado.

O filósofo Aristóteles dirigiu, na cidade grega de Atenas, entre 331 e 323 a.C., uma escola de filosofia chamada de Liceu. No excerto, Aristóteles considera que a escravidão

- A) é um empecilho ao florescimento da filosofia e da política democrática nas cidades da Grécia.
- B) permite ao cidadão afastar-se de obrigações econômicas e dedicar-se às atividades próprias dos homens livres.
- C) facilita a expansão militar das cidades gregas à medida que liberta os cidadãos dos trabalhos domésticos.
- D) é responsável pela decadência da cultura grega, pois os senhores preocupavam-se somente em dominar os escravos.
- E) promove a união dos cidadãos das diversas pólis gregas no sentido de garantir o controle dos escravos.

**14. (UEG/2008)**

Um dos pontos altos da filosofia grega é a teoria do conhecimento. Entre seus pensadores encontra-se Sócrates. Ao dialogar com seus interlocutores, Sócrates assumia humildemente a atitude de quem aprende e, multiplicando as perguntas, levava seu adversário à contradição, obrigando-o a reconhecer sua ignorância. Esse método socrático denomina-se:

- A) Alegoria, metodologia de conhecimento segundo a qual se desenvolve o conhecimento a partir do senso comum.
- B) Maiêutica, metodologia segundo a qual a ideia é gerada ou acordada.
- C) Ironia, método dialético segundo o qual é demonstrada a necessidade de conhecer profundamente as ideias.
- D) Criticismo, metodologia de conhecimento que parte da crítica da razão.

**15. (Uncisal/2011)**

Na Grécia Antiga, o filósofo Sócrates ficou famoso por interpelar os transeuntes e fazer perguntas aos que se achavam conhecedores de determinado assunto. Mas durante o diálogo, Sócrates colocava o interlocutor em situação delicada, levando-o a reconhecer sua própria ignorância. Em virtude de sua atuação, Sócrates acabou sendo condenado à morte sob a acusação de corromper a juventude, desobedecer às leis da cidade e desrespeitar certos valores religiosos. Considerando essas informações sobre a vida de Sócrates, assim como a forma pela qual seu pensamento foi transmitido, pode-se afirmar que sua filosofia

- A) transmitia conhecimentos de natureza científica.
- B) baseava-se em uma contemplação passiva da realidade.
- C) transmitia conhecimentos exclusivamente sob a forma escrita entre a população ateniense.
- D) ficou consagrada sob a forma de diálogos, posteriormente redigidos pelo filósofo Platão.
- E) procurava transmitir às pessoas conhecimentos de natureza mitológica.